



ANAIS

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

XI Colóquio Nacional Cultura e Poder

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2025

GT 4 – Mundo Antigo, Medieval e Religião

DIMENSÕES DO SAGRADO NA GRÉCIA ANTIGA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PAPEL DO *OIKOS* NA RELIGIOSIDADE GREGA DA ANTIGUIDADE

Iuri Nunes (UFJF - PG) ¹

Resumo: A relação entre espaço e sagrado traz considerações importantes acerca do modo como diversas sociedades da Antiguidade se organizaram socialmente. Diante disso, este artigo buscou compreender a relação da experiência do sagrado na Grécia Antiga a partir da relação com a noção do espaço doméstico (*oikos*). Baseando em uma pesquisa bibliográfica, procurou-se discutir a religiosidade grega através dos cultos domésticos e apontar o papel fundamental da casa para a dimensão do sagrado na Grécia Antiga. Para isso, primeiramente, apresentou-se uma discussão sobre a presença de atos rituais no espaço doméstico da Grécia Antiga; logo após, em um segundo momento, buscou-se discorrer sobre o desenvolvimento histórico do âmbito da casa dentro da religiosidade grega antiga; por fim, debruçou-se sobre os elementos presentes no culto doméstico da antiguidade grega.

Palavras-Chaves: Grécia Antiga. Sagrado. Espaço doméstico.

Tudo está cheio de deuses

(Tales de Mileto)

INTRODUÇÃO

Ao longo da História, a relação do ser humano com a noção de *sagrado* sempre buscou se expressar de variadas formas, seja, por exemplo, através da linguagem, recursos materiais e até mesmo a partir do espaço geográfico. Assim, diversos povos, ao longo do tempo, deixaram narrativas, elementos da cultura material e intervenções no espaço que apontam para uma experiência do sagrado e permitem discutir o papel da religiosidade na formação de diversas sociedades. Em grande medida, a experiência do sagrado foi um fator determinante para a organização sociopolítica e a formação de hábitos culturais em distintas sociedades.

Quando se trata da antiguidade, a relação da experiência do sagrado em certas civilizações assumiu características ainda mais complexas, a saber: o sagrado estava embrenhado de forma natural no seio da sociedade que não se pode separar eficazmente as esferas do sagrado, da política, da arte e do pensamento. A frase que abre este artigo, atribuída

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF, onde desenvolve pesquisa sobre a relação entre o espaço doméstico do Cristianismo Originário e a cultura popular do Mediterrâneo Antigo. Licenciado e Bacharel em História pela UFOP. Especialista em Ciência da Religião pela UFJF. Possui mestrado em Ciência da Religião pela UFJF. Contato: n.iuri@hotmail.com

a Tales de Mileto, permite discorrer sobre essa relação do sagrado na Grécia Antiga, cuja relação era marcada por uma disseminação do sagrado na realidade, apontando para seu estabelecimento e difusão no *Todo* da sociedade. Ou seja, praticamente todas as esferas da sociedade estavam permeadas pela religiosidade.

É na esteira dessas reflexões que este texto se insere, buscando discutir a experiência do sagrado na Grécia Antiga a partir da relação com a noção de espaço – mais especificamente o âmbito doméstico (*oikos*²). Sabe-se que o espaço sagrado na Grécia Antiga era multiforme e contava com várias escalas, tais como a casa, o templo e a cidade. Nesse sentido, baseando em uma revisão bibliográfica, o presente trabalho debruça-se sobre as práticas de culto doméstico na Grécia Antiga e busca compreender o papel do espaço da casa na religiosidade grega da antiguidade.

A temática que relaciona o sagrado e o espaço da casa pode ser vista como um campo fértil dentro dos estudos da Antiguidade. Segundo a arqueóloga Stella Souvatzi, o espaço da casa compreende várias noções: pode ser um grupo social, uma materialidade, uma rede de tarefas, regras, responsabilidades e relações (sejam internas ou externas). De acordo com Souvatzi, o âmbito da casa é um cenário que apresenta grande intensidade de relações e práticas, interagindo com os princípios culturais e os processos socioeconômicos da sociedade na qual a casa está inserida (SOUVATZI, 2008, p. 1-2). Nesse sentido, o espaço da casa é considerado um campo de enormes possibilidades para pesquisas acadêmicas que versam sobre a antiguidade, especialmente quando se busca compreender a experiência do sagrado nesse espaço.

O presente texto tangencia a pesquisa de doutorado deste autor, em andamento, a qual busca pesquisar o espaço doméstico no Cristianismo Originário³. Com isso, o trabalho que ora se apresenta, ao abordar o culto doméstico ocorrido na Grécia Antiga, contribui para traçar certa contextualização da dimensão religiosa do espaço doméstico na Antiguidade. Sendo assim, em um primeiro momento deste artigo, apresenta-se uma discussão sobre os usos do espaço doméstico para atos rituais; já em um segundo momento, busca-se trazer um breve

² O termo *oikos* (*οἶκος*) pode ser traduzido por casa ou família. No entanto, segundo a historiadora Maria Beatriz Florenzano, o termo está impregnado de um significado mais amplo, devendo ser compreendido como uma unidade econômica, humana, de consumo e de produção (FLORENZANO, 2012, p. 14). Sendo assim, o *oikos* abrangia a família direta, os servidores e escravos, os bens e os móveis (ferramentas, armas, gado *etc*).

³ De modo geral, o Cristianismo Originário pode ser definido como um movimento religioso surgido na região leste do Mediterrâneo na primeira metade do século I d.C., a partir do qual se decorreram os anos iniciais do processo de constituição das religiosidades cristãs. Não obstante, essas experiências religiosas ainda estavam atreladas, em maior ou menor grau, ao seio da vida religiosa judaica. Para uma discussão sobre as principais características desse movimento religioso, consultar: NOGUEIRA, 2015.

panorama do desenvolvimento histórico do âmbito da casa dentro da religiosidade da Grécia Antiga; por fim, em um terceiro momento, procura-se discorrer sobre as principais características e elementos presentes no culto doméstico da antiguidade grega.

OS USOS DO ESPAÇO DOMÉSTICO PARA RITUAIS SAGRADOS

A historiadora Janett Morgan (2007) no texto "Space and notion of final frontier: searching for ritual boundaries in the classical athenian home" traz uma importante discussão sobre os espaços rituais nas casas atenienses do período clássico. De acordo com a autora, as evidências textuais e materiais indicam que os atos rituais ocorreram também no contexto doméstico. No entanto, com relação ao âmbito público da Atenas Clássica, havia uma separação mais nítida para os espaços destinados aos ritos sagrados: os restos materiais dos templos da Atenas Clássica apontam para a existência de uma separação física, a qual era feita através de muros, características geográficas ou a edificação de pedras em torno de uma área. Quando se trata do espaço doméstico, há uma complexidade ainda maior para tentar identificar as áreas dos rituais sagrados.

Uma das razões para essa complexidade, apontada por Morgan, está na flexibilidade dos usos e definições do espaço doméstico. A historiadora defende que os espaços da casa ateniense poderiam ser multifuncionais e usados para várias atividades, inclusive para sacrifícios aos deuses. As terminologias⁴ modernas como "cozinhas", "salas" e "quartos", quando aplicadas ao contexto da antiguidade grega, acabam sugerindo simplesmente que os cômodos das casas atenienses tinham funções únicas e bem delimitadas. Outro ponto importante destacado por Morgan diz respeito ao mecanismo adotado para criar uma separação ritual no contexto doméstico. Tal separação podia ser feita de forma mais simples e envolver materiais perecíveis ou até mesmo limites comportamentais em vez de demarcação física. Segundo a historiadora, esse tipo de negociação espacial é tão válido quanto qualquer muro ao redor de um templo, apesar da dificuldade de visualizá-la em registros materiais (MORGAN, 2007, p. 116).

Nesse sentido, o texto de Morgan defende que houve atos rituais nos espaços

⁴ Janett Morgan faz uma discussão acerca das principais terminologias utilizadas nos textos atenienses do período clássico para se referir ao espaço doméstico, apontando termos como *domos*, *melathron*, *thalamos*, *oikos* e *muchos*. Nenhum desses termos estabelecem uma definição precisa do espaço a partir de sua função. Tais termos são aplicados a ambientes construídos com uma variedade de usos diferentes. A ausência de termos específicos levanta a possibilidade de refletir que os papéis atribuídos a esses espaços poderiam ser alterados. Consultar: MORGAN, 2007, p. 117-119.

domésticos da Grécia Antiga, mas os limites dessas áreas onde ocorriam os rituais sagrados eram definidos mais pela ação e percepção do que por estruturas físicas permanentes - tais como paredes, muros e pedras. Com isso, os espaços rituais relacionados à esfera pública não podem ser usados como modelos para entender os espaços rituais das casas atenienses da antiguidade. Tais considerações apresentadas por Morgan (2007) são fundamentais para a discussão deste presente artigo que busca entender o papel dos ritos domésticos na religiosidade da Grécia Antiga.

BREVE DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO CULTO NA GRÉCIA ANTIGA

A organização do início da sociedade grega era baseada em um sistema particular de família denominado "*génos*". Esse agrupamento familiar era formado por um clã patriarcal, onde todos os membros descendiam de um antepassado comum, adoravam o mesmo deus e se reuniam em torno do mesmo fogo sagrado. Nesse sentido, cada *génos* tinha seu próprio deus, ritos e regras de conduta social específicos. Tais cultos e festividades eram celebrados apenas pelos membros desta família que perpetuavam o sangue do antepassado, proibindo a participação nesses ritos sagrados de pessoas que não pertenciam ao agrupamento familiar. Sobre a datação cronológica deste período, não há dados suficientes que permitam precisar quanto tempo durou esse sistema de organização social do *génos*. As informações que se têm permitem datá-lo desde as primeiras migrações dos micenas e perdurando até o surgimento da pólis no período arcaico. (SOUZA & PEREIRA MELO, 2016).

Nesse período, a religião grega antiga apresentava semelhanças com as religiões consideradas como primitivas, sendo os ídolos inspirados na natureza (água, raio, fogo, vento - representações de seres divinos). Não obstante, os gregos foram alterando essas dimensões do sagrado e a religião baseada no culto doméstico tornou-se mais complexa. Uma das mudanças diz respeito à forma de representação das divindades, passando a serem representadas sob forma física humana (antropomorfismo). Até então, os deuses eram representados como seres animais. Apesar de passarem a ser representadas sob forma física humana, as divindades se distinguiam por serem consideradas bem mais superiores que os seres humanos e por possuírem poderes sobrenaturais. As divindades gregas passaram a ter, não apenas aspectos físicos humanos, como também traços de personalidade, vícios e virtudes (SOUZA & PEREIRA MELO, 2016).

Entre os séculos XI e VIII a.C., quando ocorreram essas mudanças sociais que

deram origem a cidade-Estado, o sistema religioso foi profundamente reorganizado com base nas novas formas sociais que emergiram com a *pólis*. Com relação à religião, torna-se essencialmente cívica com suas crenças e cultos remodelados para satisfazerem certas exigências – entre as quais destaca-se a necessidade de instaurar, a partir de um plano religioso, certas tradições (lendárias e ciclos de festas) que pudessem ser reconhecidas em praticamente toda a Hélade. O historiador Jean-Pierre Vernant apresenta algumas mudanças religiosas ocorridas durante a época arcaica, principalmente o surgimento de templos para ofícios rituais independentes do *habitat* humano (seja palácio real ou casa particular). Ao contrário dos altares domésticos, esses templos constituem a "casa do deus" e era entendido como coisa pública, isto é, um bem comum de todos os cidadãos. Tais templos pertenciam à mesma cidade que o erigiu e servia também para confirmar a posse legítima sobre um território - centro urbano, acrópole ou ágora (VERNANT, 2006, p. 41-42).

OS ELEMENTOS DO CULTO DOMÉSTICO NA GRÉCIA ANTIGA

Pedro Paulo Funari distingue dois níveis de cultos realizados na civilização grega antiga: cultos domésticos e cultos públicos. De modo geral, os cultos domésticos - apesar de variarem de acordo com cada região - diziam respeito aos sentimentos íntimos das famílias. Nesses cultos domésticos, havia uma maior liberdade para a prática cultural. Já os cultos públicos, pode-se entendê-los a partir de um caráter estatal, sendo organizados por todos e representando muito mais que sentimentos pessoais (FUNARI, 2015, p. 57). Nesse sentido, mesmo com o estabelecimento dos cultos públicos, pode-se dizer que os cultos domésticos não deixaram de ser praticados.

O culto doméstico na civilização grega não apresentava ou exigia uniformidade, sendo seus ritos distintos. Coulanges destaca que cada família tinha sua maneira independente de realizar seus cultos, estando na responsabilidade do pai decidir como executar os ritos. Os arcontes⁵ poderiam certificar se a família cumpria os ritos religiosos, mas não tinham o direito de impor modificações. "Portanto, cada família possuía seus hinos, seus ritos e suas festas particulares, podendo apenas o pai exercer autoridade sobre os cultos executados por sua família" (COULANGES, 2002, p. 14).

Na antiguidade clássica, a casa dos gregos possuía sempre um altar, onde era realizada a prática de ritos religiosos relacionados aos antepassados daquela família. Sobre este

⁵ Na Grécia Antiga, os arcontes eram os magistrados da pólis.

altar, havia o fogo sagrado que deveria ser mantido aceso. "O deus ali se instala não por um dia, nem mesmo pela precária vida do homem, mas pelo tempo que esta família existir e dela restar alguém que conserva a chama" (COULANGES, 2002, p. 66). O fogo sagrado era um elemento religioso comum nas civilizações gregas, estando presente nas casas particulares das famílias.

Assim, sobre o altar de cada *oikos* sempre tinha resquícios de chamas acesas. Era um dever sagrado manter a chama acesa: durante a noite cobria as madeiras com cinzas e logo pela manhã o primeiro cuidado era reacender a chama. O fogo aceso no altar de cada casa deveria estar sempre puro, isto é, nenhum objeto qualquer poderia ser utilizado para alimentar o fogo e não poderia também ser qualquer madeira. Os banquetes faziam parte do culto doméstico das civilizações gregas, onde ofereciam aos deuses preces antes e depois da refeição. Antes de comer, colocavam comida no altar; antes de beber, derramavam um pouco de vinho.

Sobre o culto doméstico, conforme discutido anteriormente, sua prática estava fundamentada em um rigor de consanguinidade e no patriarcado. A mulher, ao se casar e sair da casa dos pais, não poderia participar do culto ao lar nem do seu marido e nem tampouco dos antepassados do seu pai. Os filhos do casal e as filhas solteiras deveriam seguir o culto dos antepassados do pai. Os deuses domésticos poderiam ser os ancestrais que habitaram o espaço da casa, ou seja, familiares que foram divinizados. Cumpriam a função de proteger o clã e dividiam o espaço da casa com os mortais. Essa relação sanguínea dos deuses domésticos não permaneceu no culto coletivo (COULANGES, 2002).

O espaço da casa foi, para os gregos, o primeiro templo. Quando tiveram que construir edificações para a estátua da divindade - separadas da moradia dos humanos - tomaram como modelo as casas dos chefes gregos. Nesse sentido, a relação casa/templo é marcada por contradições simbólicas. O culto que antes dizia respeito a uma microescala (recinto doméstico); logo após, ganhou a dimensão do cosmo, materializando no espaço da cidade/urbe e do templo. Antes, as divindades tinham como função proteger os lares domésticos; agora, as divindades deveriam proteger principalmente as cidades (IBIANPINA & LEITÃO, 2021, p. 7).

Mesmo com esse rearranjo da religiosidade grega em torno do culto público aos deuses olímpicos, os cultos domésticos não deixaram de ser praticados nas casas das famílias (FIGURA 1), mas foram assimilando elementos dessa religiosidade emergente. Por exemplo, havia a presença nos *oikos* de práticas de culto à deusa Héstia – associada como divindade do lar, da lareira doméstica ou dos edifícios públicos, cujo nome era o mesmo utilizado para se referir ao altar-lareira. Sabe-se que essa divindade fazia parte dos deuses olímpicos, sendo,

inclusive, considerada a primeira a ter nascido dentre as divindades dessa geração.⁶ De acordo com Haiganuch Sarian, era possível encontrar imagens de Héstia próximo ao local sagrado das habitações, ou seja, onde estava a lareira (SARIAN, 1999, p. 71).

Figura 1 – Representação de um altar doméstico da Grécia Antiga⁷



Fonte: LABECA-USP, 2016

O historiador Jean-Pierre Vernant (2006) destaca que Zeus também figurava entre as divindades importantes do culto doméstico, pois, juntamente com Héstia, tinha um papel sobre as lareiras privadas de cada casa. Aliás, as narrativas acerca dos deuses olímpicos apresentam que foi Zeus quem concedeu à Héstia as honras de receber cultos em todas as casas dos mortais. Nesse sentido, Zeus possuía autoridade tanto política quanto doméstica, com um papel sob as lareiras privadas de cada casa e também sob a lareira comum da cidade (VERNANT, 2006, p. 34).

No culto doméstico, a figura de Zeus comporta também outros aspectos: Zeus Ctésio e Zeus Herkêios. O epíteto Ctésio diz respeito ao culto a Zeus da posse, ou seja, cultuado como protetor dos bens familiares e geralmente seu altar ficava situado na área de

⁶ Para Pierre Grimal (2005, p. 227), em seu *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*: "Héstia, a deusa do Lar, de que é a personificação, é a primeira filha de Crono e de Reia, e a irmã de Zeus e de Hera. Apesar de ter sido cortejada por Apolo e Posídon, ela conseguiu, da parte de Zeus, guardar eternamente a sua virgindade".

⁷ Essa imagem de uma representação do altar doméstico da Grécia Antiga foi tirada de uma maquete digital elaborada e disponibilizada pelo Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga, Labeca - USP. Essa maquete digital em questão apresentou uma reconstrução da casa grega antiga em geral, onde trouxe sua organização espacial e seus principais elementos, como o altar doméstico. Consultar: Maquetes digitais. **Labeca**. Disponível em: < <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/professores/maquetes-digitais/>>. Acesso em: 18 de ago. de 2025.

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/UDEL), 2025, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2025.

armazenamento do oikos. O outro aspecto de Zeus encontrado no culto doméstico era Zeus Herkêios, fazendo referência aos limites que fecham o território daquela família. Zeus Herkêios era cultuado como guardião do oikos e tinha seu altar situado na área externa da casa. Nesse sentido, pode-se perceber que os cultos domésticos permaneceram como práticas dentro das religiosidades da Grécia Antiga, integrando os aspectos do culto aos deuses olímpicos.

Entre o religioso e o social, o doméstico e o cívico, portanto, não há oposição nem corte nítido, assim como entre sobrenatural e natural, divino e mundano. A religião grega não constitui um setor à parte, fechado em seus limites e superpondo-se à vida familiar, profissional, política ou de lazer, sem confundir-se com ela. Se é cabível falar, quanto à Grécia arcaica e clássica, de "religião cívica", é porque ali o religioso está incluído no social e, reciprocamente, o social, em todos os seus níveis e na diversidade dos seus aspectos, é penetrado de ponta a ponta pelo religioso (VERNANT, 2006, p. 7-8).

9

CONCLUSÃO

Neste presente artigo, buscou-se discutir a relação entre a experiência do sagrado na Grécia Antiga com a noção do espaço doméstico. Apontou-se que o espaço da casa (*oikos*) constituía uma das escalas do sagrado na Grécia Antiga, juntamente com os templos e também certos espaços da *pólis*. Nesse sentido, o presente texto teve como objetivo principal compreender o papel da casa dentro das religiosidades da Grécia Antiga, discutindo-as a partir dos ritos e cultos domésticos que ocorreram neste período da antiguidade. Em um primeiro momento, foi apresentada uma discussão sobre os usos do espaço doméstico da Grécia Antiga para rituais sagrados; logo após, foi abordado brevemente o desenvolvimento histórico do âmbito da casa dentro da religiosidade grega antiga; logo após, debruçou-se sobre os elementos presentes no culto doméstico da antiguidade grega. Em todas as discussões apresentadas, percebeu-se que as práticas religiosas gregas não dependeram de edificações específicas para a sua realização.

Na primeira parte deste artigo, buscou-se trazer algumas considerações levantadas pela historiadora Janett Morgan acerca da definição de espaços rituais no ambiente doméstico da Grécia Antiga. A partir dessas discussões, observou-se que houve atos rituais nas casas gregas da antiguidade, mas as fronteiras dessas áreas onde ocorriam os rituais sagrados eram definidos mais pela ação e percepção do que por estruturas físicas permanentes.

Com relação ao desenvolvimento histórico do âmbito da casa na religiosidade grega antiga, defendeu-se que a prática religiosa no espaço doméstico é documentada desde os tempos

mais remotos. Em um período mais recuado, os cultos domésticos estavam associados com o agrupamento familiar, sendo uma prática de culto aos antepassados daquela determinada família. Nesse sentido, os cultos domésticos eram distintos e cada um apresentava seu próprio deus, ritos e regras de conduta. Com o surgimento da *pólis*, a religiosidade baseada no culto doméstico tornou-se mais complexa, onde passaram a assimilar o culto aos deuses olímpicos. Através das discussões efetuadas neste trabalho, defendeu-se que os cultos domésticos não deixaram de ser praticados mesmo diante do surgimento dos templos dedicados aos deuses olímpicos.

Ao discutir os elementos presentes nos cultos domésticos, apontou-se a presença de um altar-lareira para a prática de ritos religiosos relacionados aos antepassados daquela família. Com o surgimento da *pólis*, esses altares passaram também a oferecer oferendas à certos deuses olímpicos. Fazia parte desses ritos domésticos a presença de banquetes, onde eram oferecidos preces antes e depois da refeição. Tais discussões apontaram para a importância em abordar a relação entre espaço doméstico e sagrado dentro dos estudos da Antiguidade, devido a riqueza de relações estabelecidas dentro desse âmbito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COULANGES, F.. **A cidade antiga**. trad. P. Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. **O mundo antigo: economia e sociedade (Grécia e Roma)**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. Contexto, 2001.

GUARINELLO, Luiz Norberto. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2020.

IBIAPINA, Felipe; LEITÃO, Lúcia. Arquitetura e Sagrado: um olhar sobre a Antiguidade Clássica. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, v. 19, p. 1-11, 2021.

MAQUETES DIGITAIS. **Labeca**. Disponível em: < <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/professores/maquetes-digitais/>>. Acesso em: 18 de ago. de 2025.

MORGAN, Janett E. Space and the notion of final frontier. Searching for ritual boundaries in the Classical Athenian home. **Kernos. Revue internationale et pluridisciplinaire de religion grecque antique**, n. 20, p. 113-129, 2007.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O cristianismo primitivo como objeto da história cultural: delimitações, conceitos de análise e roteiros de pesquisa. **Antíteses**, v.8, n.16, p.31-49, jul./dez., 2015.

SARIAN, Haiganuch. Arqueologia da imagem: aspectos teóricos e metodológicos na iconografia de Héstia. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 3: 69-84, 1999.

SOUVATZI, S.G. Introduction. In: **A Social Archaeology of Households in Neolithic Greece: na Anthropological Approach**. Cambridge University Press, New York, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

* * * * *